Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Inteligência artificial generativa e a produção industrial da desinformação: novos regimes de fabricação do falso[1]

Generative artificial intelligence and the industrial production of disinformation: new regimes of fabricating the false

Mariana de Mello Borges

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Desinformação; Midiatização.

O problema da desinformação não é novo no campo da comunicação. O que mudou, de forma significativa nos últimos anos, e a escala e a velocidade com que conteúdos enganosos podem ser produzidos e distribuídos. A chegada de sistemas de inteligência artificial generativa ao cotidiano midiático criou condições inéditas para a fabricação automatizada de textos, imagens, vídeos e áudios falsos que, em muitos casos, são difíceis de distinguir de materiais autênticos. Tal fenômeno coloca desafios urgentes para pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam a compreender os processos de midiatização contemporâneos e seus efeitos sobre a vida social. Sendo assim, o atual resumo parte da hipótese de que a inteligência artificial generativa não é apenas uma ferramenta neutra que pode ser mal utilizada, mas um dispositivo que altera a própria lógica de produção e circulação da desinformação. Quando qualquer pessoa com acesso a um computador e uma conexão de internet consegue gerar, em poucos minutos, um vídeo convincente de uma figura pública pronunciando algo que nunca disse, a questão deixa de ser apenas ética ou jurídica e passa a ser estrutural: o ecossistema midiático foi

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reorganizado de tal forma que a verificação da realidade tornou-se uma tarefa sistematicamente mais complexa.

1. Ferramentas generativas e a produção sintética de conteúdo

Os modelos de linguagem de grande escala (LLMs, na sigla em inglês), os sistemas de geração de imagens por difusão e os modelos de síntese de voz representam um salto qualitativo em relação às tecnologias anteriores de manipulação de mídia. Enquanto as técnicas tradicionais de edição de imagem exigiam habilidades técnicas específicas e um tempo considerável de trabalho, as ferramentas atuais democratizaram a capacidade de produção de conteúdo sintético. Um texto jornalístico falso, um discurso político fabricado ou um comunicado institucional inexistente podem ser gerados com alta fidelidade em fração de segundos (Chesney e Citron, 2019).

Os chamados *deepfakes* audiovisuais ilustram bem essa transformação. Originalmente desenvolvidos em contextos academicos para fins de pesquisa em visao computacional, esses sistemas foram rapidamente apropriados por atores maliciosos para fins que vao desde a pornografia nao consentida ate a manipulacao eleitoral. O caso de vídeos circulados durante a invasão russa à Ucrânia, em que rostos de líderes políticos foram sobrepostos a outros corpos para forjar discursos de rendição ou capitulação, exemplifica o potencial de dano geopolítico dessas ferramentas (Paris e Donovan, 2019). No Brasil, episódios envolvendo áudios sintéticos atribuídos a candidatos durante campanhas eleitorais indicam que o país já integra esse cenário de forma concreta.

2. Escala, velocidade e a lógica da saturação informacional

Um aspecto frequentemente subestimado no debate sobre desinformação é a dimensão da escala. Antes da disseminação de ferramentas generativas, a produção em massa de conteúdo enganoso dependia de redes organizadas de pessoas ou de infraestruturas sofisticadas de bots. Com os sistemas atuais, um único indivíduo pode

gerar centenas de textos, imagens e vídeos por dia, customizados para diferentes plataformas, públicos e idiomas. Isso transforma o ecossistema informacional não apenas em termos quantitativos, mas qualitativos: a sobrecarga de conteúdo duvidoso pode levar ao que alguns pesquisadores chamam de saturação epistêmica, uma condição em que a desconfiança se generaliza e o próprio conceito de verdade factual perde sua função reguladora (Wardle e Derakhshan, 2017).

Essa lógica de saturação é especialmente relevante para o campo da midiatização porque tensiona as próprias bases sobre as quais os processos midiáticos operam. Se a midiatização pressupõe, em alguma medida, que os meios comunicativos funcionam como instâncias de mediação entre o mundo social e sua representação pública, a produção industrial de falsos coloca em xeque a capacidade dessas instâncias de exercer qualquer função verificativa. Plataformas digitais como Meta, X/Twitter e TikTok, pressionadas por volumes de conteúdo que excedem qualquer possibilidade de moderação humana, recorrem aos próprios sistemas de IA para identificar falsificações. A referida condição, em que a IA combate a desinformação gerada pela IA, configura uma espécie de corrida armamentista epistêmica cujo resultado é incerto (Floridi *et al.*, 2020).

3. Impactos sobre o ecossistema midiático e perspectivas de análise

Do ponto de vista dos estudos de midiatização, o fenômeno exige um deslocamento analítico. Não basta examinar os conteúdos falsos em si, nem apenas os mecanismos técnicos de sua produção. É preciso compreender como a possibilidade generalizada de fabricação sintética reorganiza as práticas de recepção, os hábitos de verificação e as formas de confiança pública nas instituições jornalísticas. Pesquisas recentes em psicologia cognitiva sugerem que a mera exposição a *deepfakes,* mesmo quando identificados como falsos, deixa resíduos no processo de formação de crenças, fenômeno que ficou conhecido como efeito da memória implícita ou contaminação

mnemônica (Lewandowsky *et al.,* 2012). Isso significa que o dano não é apenas consequência da crença no falso, mas também da incerteza que ele instala.

Outro aspecto relevante para a pesquisa em comunicação é o caráter assimétrico da produção e do desmentido. Enquanto um vídeo falso pode ser gerado em minutos e compartilhado para milhões de pessoas, a produção de uma verificação jornalística rigorosa demanda horas ou dias de trabalho especializado. Essa assimetria temporal coloca o jornalismo profissional em desvantagem estrutural em relação ao ritmo de circulação da desinformação, o que compromete sua função histórica de produção de versões públicas verificadas da realidade (Deuze, 2005).

No Brasil, o cenário apresenta especificidades que merecem atenção. A combinação de alta penetração de smartphones, uso intensivo de aplicativos de mensageria como o WhatsApp e um histórico recente de polarização política aguda criou um ambiente particularmente fertil para a circulação de conteúdos enganosos. A introdução de ferramentas de IA generativa nesse contexto não cria o problema, mas o potencializa de maneira qualitativa. Pesquisas conduzidas por organizações como o Núcleo Jornalismo e o Aos Fatos documentam o crescimento da desinformação de origem sintética nos ciclos eleitorais mais recentes, ainda que a metodologia de atribuição precisa a sistemas de IA siga sendo um desafio metodológico em aberto.

A perspectiva teórica da midiatização oferece ferramentas úteis para compreender esse cenário sem incorrer em determinismo tecnológico. A noção de que os meios não apenas transmitem mensagens, mas moldam as condições de possibilidade do que pode ser dito, acreditado e contestado numa sociedade, permite enquadrar a inteligência artificial generativa não como causa da desinformação, mas como uma lógica midiática que reconfigura as relações entre produção, circulação e recepção de conteúdo. Sob essa perspectiva, a questão relevante não é tanto o que a IA faz, mas o que ela torna possível, normal e esperado no interior das práticas comunicativas contemporâneas.

Conclui-se que o avanço dos sistemas generativos impõe uma agenda de pesquisa que precisa articular análise de plataformas, estudos de recepção, teoria da midiatização e investigação empírica sobre práticas de produção de desinformação. A compreensão desse fenômeno exige abordagens interdisciplinares que consigam capturar tanto os aspectos técnicos das ferramentas quanto seus efeitos nas culturas midiáticas e na esfera pública. O campo da comunicação tem, nesse sentido, uma contribuição insubstituível a oferecer.

Referências

CHESNEY, R.; CITRON, D. Deep fakes: a looming challenge for privacy, democracy, and national security. **California Law Review**, v. 107, n. 6, p. 1753-1820, 2019.

DEUZE, M. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6, n. 4, p. 442-464, 2005.

FLORIDI, L. et al. An ethical framework for a good AI society: opportunities, risks, principles, and recommendations. **Minds and Machines**, v. 29, n. 4, p. 689-707, 2020.

LEWANDOWSKY, S. et al. Misinformation and its correction: continued influence and successful debiasing. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 13, n. 3, p. 106-131, 2012.

PARIS, B.; DONOVAN, J. **Deepfakes and cheap fakes: the manipulation of audio and visual evidence**. New York: Data & Society, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Conselho da Europa, 2017.